

Editorial

Ao nos debruçarmos sobre a historiografia, temos a forte impressão de que colocaram a escrita da História como uma dicotomia entre o espaço civilizado, dinâmico como pertencente à área das cidades, em oposição aos lugares incultos, incógnitos, distantes e atrasados, que ficam legados ao campo, ou melhor dizendo, aos sertões. Fazendo uma análise mais profunda, percebemos que estas são construções arraigadas em dados pensamentos, mas que não correspondem as relações sociais, espaciais e culturais em sua totalidade, pois existem muitas nuances entre esses conceitos. Ambos os espaços dialogam, são representativos e possuem um elo de ligação latente na formação social de seus agentes. Compreendemos que o conceito de sertão não é algo fixo, determinado ou engessado aos lugares que possuem uma paisagem com pouca água e de terra gretada. O sertão que buscamos e entendemos, em nossos diálogos, é fluido. Onde as pessoas reconhecem seus costumes, suas paisagens, seu cotidiano, de modo que cada ator social abrange o sertão a seu modo, interesse e objetividade. Dessa maneira, adotamos o conceito de sertões com s no final, por o considerarmos múltiplo e diverso.

Os sertões permeiam o pensamento social e imaginário da população brasileira desde o processo de colonização do Brasil até os dias atuais. Os sertões permanecem vivos e pulsantes na vida das pessoas de norte a sul do Brasil. O que seria dos nordestinos sem seu (múltiplo) entendimento sobre os sertões? Assim como Santa Catarina, que o usa o termo “sertão” para se referir ao extremo oeste do Estado; no Amazonas, por exemplo, “sertão de dentro” se refere às fronteiras com a Venezuela. Percebemos que o sertão está por toda parte. Dessa maneira, o termo sertão extrapola suas próprias fronteiras para transforma-se em muitos sertões, visto que este é uma construção e uma representação históricas. Dessa forma, o *Dossiê História dos Sertões: espaços, sentidos e saberes*, recebeu textos que versaram sobre os mais diversos tipos de sertões, sendo este um meio agenciado para além da suposta teoria do conceito de sertão como um lugar de atraso, isolado, doente e insalubre, inculto ou de espaço físico atrelado às secas. As contribuições presentes neste Dossiê, extrapolam o fixo, o fechado, o normatizado. Os trabalhos versam sobre as vivências, o cotidiano, a crítica, a desconstrução de um sertão naturalizado e romantizado ao longo do tempo.

Os artigos que compõem este dossiê nos permitem fazer uma viagem por estas várias perspectivas de sertões abordando sua polissemia. Ademais, as discussões versam sobre as inspirações do *métier* do historiador. Interessante perceber que diante de tantas significações e dizeres, os escritos conversam entre si, claro, respeitando suas espacialidades, temporalidades e, em certa medida, têm um entendimento de sertões que dialogam, interagem, pulsam e desmitificam sua cristalização.

Ao partir por estes caminhos interpretativos, faremos um percurso nas apresentações dos textos e na própria forma de encaminhar os escritos para o sumário, de modo que, estes demonstrem esta perenidade nos diálogos contidos. Para abrir nossas discussões, a partir dessa perspectiva de renovação historiográfica, temos o artigo da professora Rozélia Bezerra—*Prezada Cora Coralina, vamos falar dos sertões?*—, que pretende discutir este conceito a partir do prisma da literatura escrita por mulheres em uma versão poética e crítica. Seguindo esta

vertente da arte, da literatura e do audiovisual, temos o artigo de Aurora Almeida de Miranda Leão—*Euclides da Cunha atualizado no sertão da teledramaturgia*—que tem como intuito abordar a série *Onde nascem os fortes*, da TV Globo, exibida no ano de 2018, fazendo uma ambiência com o livro *Os sertões*, de Euclides da Cunha, do ano 1902. Seguindo a contento nas veredas dos sertões da arte, temos o artigo de José Jaeder de Araújo Silva e Ariane de Medeiros Pereira—*A musicalidade de Felinto Lúcio Dantas nos sertões do Rio Grande do Norte: memória perene*—que tem como finalidade discutir os sertões pelo viés das composições musicais de Felinto Lúcio Dantas como meio de promover visibilidade e dizibilidade aos sertões norte-rio-grandense.

Os discursos são agentes produtores de práticas sociais e, muito além de serem neutros, apresentam intencionalidades latentes. Ao seguir este entendimento, temos o artigo de Carlos Ramon Carneiro da Silva, Maria Leidiane Santana, Moisés Emanuel Ribeiro, Rayanne Leite Duarte e Valdeci dos Santos Junior—*A rememoração elitista da abolição da escravidão na “terra da liberdade”, no século XX*—que tem como finalidade discutir a memória acerca da abolição na cidade de Mossoró/RN pelo olhar da história contada pelas elites locais e que gestou marcos no esquadramento urbano da dita cidade. Outro artigo que versa sobre as produções discursivas dos sertões é o da professora Ariane de Medeiros Pereira—*Os discursos produtores dos sertões do Seridó: José de Azevêdo Dantas e Oswaldo Lamartine de Faria*—, que tem como objetivo debater os discursos produtores de poderes e de intencionalidades sobre os sertões do Seridó sob a ótica de José de Azevêdo Dantas e Oswaldo Lamartine de Faria.

Percebendo os sertões como espaços que são arregimentados a partir dos agentes sociais que nele habitam e seus interesses, temos o artigo de Marcela Gomes Fonseca—*Monções no rio madeira: As expedições de Francisco de Melo Palheta (1722) e Manuel Félix de Lima (1742)*—que tem o objetivo de abordar as tensões e os conflitos existentes na região do Rio Madeira, na Amazônia, entre os domínios dos castelhanos e portugueses no século XVIII. E o artigo de Avohanne Isabelle Costa de Araújo—*“A Comissão veio, mas o que tem feito?” A chegada da comissão de engenheiros e as discussões sobre melhoramentos agrícolas nos sertões do Rio Grande do Norte em 1904*—, cuja finalidade é discutir a repercussão das ações da Comissão de Engenheiros, chefiada por Sampaio Correia, no Rio Grande do Norte, no ano de 1904, para a construção de açudes e de estradas de ferro nos sertões da dita espacialidade.

Para fechar nosso dossiê, contamos com o artigo de Tatiane Eloise da Silva—*Nos limites da norma: casamentos consanguíneos na Freguesia da Gloriosa Senhora Sant’Ana (séc. XVIII e XIX)*—, que nos apresenta um sertão da transgressão. Seu texto tem como propósito analisar os casos de impedimentos e dispensas de consanguinidade e afinidade em processos matrimoniais da Freguesia da Gloriosa Senhora Sant’Ana do Seridó, entre os séculos XVIII e XIX. E o artigo dos professores Sebastião Genicarlos dos Santos e Laísa Fernanda Santos de Farias—*Comunidade Quilombola de Boa Vista dos Negros: relações interraciais, trajetórias pessoais e percursos educativos numa perspectiva etno-histórica*—, cujo intuito é discutir as relações interraciais envolvendo a Comunidade Quilombola de Boa Vista dos Negros, município de Parelhas/RN, no tocante ao uso da educação formal pela dita comunidade, como meio de resistência às opressões de que são vítimas, em decorrência da situação étnico-racial do grupo.

Na seção “Artigo Livre”, nada melhor do que retomarmos as ideias das renovações historiográficas ocorridas a partir da Escola dos Annales. Para tanto, temos o artigo de José D’Assunção Barros—*Marc Bloch e Lucien Febvre – dois acordes historiográficos: Uma análise das influências e aspectos relacionados aos fundadores dos Annales*—, no qual vai evidenciar as especificidades dos modelos historiográficos apresentados pelos dois principais autores da primeira fase da *Escola dos Annales*. Na seção “Prosa e Poesia”, apresentamos a poesia de José D’Assunção Barros—*Os conceitos*—, que nos remete a pensar que quando tudo se torna turvo, a literatura é a nossa luz.

Por fim, temos a grata satisfação de anunciar duas novidades da Revista Galo e que, conseqüentemente, compõem este dossiê: esta é a primeira edição com capa temática. A imagem que ilustra o dossiê é intitulada de *Certanjero or cattle driver from the Certão of Pernambuco*, do artista inglês Charles Landseer, que a produziu quando esteve no Brasil em 1825. A obra pertence ao acervo do Instituto Moreira Salles (IMS-SP), e foi gentilmente cedida para esta edição nº 5. A segunda novidade é que a partir desta edição os artigos serão acompanhados do Identificador de Objeto Digital (DOI), que facilita o registro e a localização dos artigos divulgados online, uma contribuição ímpar às produções científicas publicadas pela Galo.

Agradecemos a todas/os por colaborarem com este dossiê e desejamos boa leitura!

Ariane de Medeiros Pereira
Avohanne Isabelle Costa de Araújo

